



CHICO AMARAL

Email para esta coluna: cultura.em@uai.com.br

Nada de novo sob o sol

A frase do *Eclesiastes* é uma das mais agudas da cultura universal. Seu único defeito é ser aguda demais: serve pra tudo, por exemplo, a situação da política mundial ou da canção brasileira hoje. Torna-se assim encantatória; funciona sem que se saiba exatamente por quê. É poesia das mais inspiradas, de uma época em que a poesia parecia ser um dom natural do espírito humano.

Depois veio a tradição, e isso às vezes nos atrapalha. O novo deve se separar um pouco da

Só uma
coisa pode
guiar os
artistas hoje:
o prazer
desprendido
naquilo que
se faz

tradição. Nossa época foi muito corajosa na sua ignorância, tanto quanto ignorante na sua coragem.

Na música pop sempre houve um pouco de ignorância. Ou daquilo que Thomas Mann chamou de “robusta ingenuidade”. A arte dos nem tão bem informados pode ser inventiva. Assim como a dos bem informados. Ambas podem também cair no “epigonismo”, a repetição previsível e menor de uma arte excelente.

Só uma coisa pode guiar os artistas hoje: o prazer desprendido naquilo que se faz. Sem querer inventar a roda. Postura inocente, isenta de culpa, que de repente pode até gerar o novo.

EUGÊNIO GURGEL



John Pizzarelli se apresentou domingo em BH

Show

Gosto do novo, embora esteja ficando velho para as novidades. Como o avô de um amigo que, ao ser avisado de que seria apresentado a uma pessoa, pediu: “Meu filho, não me apresente a mais ninguém, já conheço gente demais”.

Mais importante do que o novo é a qualidade. John Pizzarelli, por exemplo, é aquilo: o trio de Nat King Cole + João Gilberto. A primeira parte da soma é a sua melhor parte. Quando ele cai no samba fica meio gringo, não pelo sotaque “boussa nouva”, e sim pela diferença de acabamento musical. A parte jazz é trabalhada com refinamento.

Mas ninguém fale mal de John perto de mim. Ele é um sucesso. Toca muito bem (como tocam os músicos americanos!), canta lindamente, segue com sinceridade e competência a tradição de Chet Baker. E entretém o público. Ao cantar *Estate*, uma das canções do disco *Amoroso*, 77, de João, referiu-se ao álbum como “um dos melhores discos já gravados, considerando inclusive os Beatles”, no que está absolutamente certo. Ruy Castro conta que João Gilberto aprendeu a canção ao se apresentar numa boate italiana, em 63, onde Bruno Martino, autor da canção, também trabalhava. Acompanhando João estavam Milton Banana, na bateria, Tião Neto no baixo e João Donato ao piano. Um quarteto tão impressionante quanto os Beatles.

No final do show em Belo Horizonte, Pizzarelli prestou todas as homenagens a Toninho Horta, tocando *Esperando Ângela* e *Aquelas coisas todas*, do compositor mineiro. Acho perfeita a aproximação de Toninho a João. Seu violão aprofunda tudo aquilo surgido com o baiano.

Disco

Batida diferente é uma antologia saborosa da obra de Durval Ferreira, recheada de clássicos como *Chuva*, *Tristeza de nós dois*, *Nuvens* (gravada de forma insuperável por Cannonball Adderley com Sérgio Mendes, em outro disco), *Estamos aí*, e tantos outros. Há vários anos sou fã de Durval, sem saber que ele parecia tanto com Mario Vargas Llosa.

O disco já começa bem, com o piano de Osmar Milito, e assim continua, com praticamente todos os craques da cena instrumental carioca. Numa edição resumidíssima dos “melhores momentos”, podemos apresentar a introdução de Osmar para *Estamos aí*, a interpretação de Leny Andrade em *Vivendo de ilusão*; o trompetista Cláudio Roditi em *Batida diferente*; a alegria de *Estamos aí*, com “batalha de saxes”, o solo de sax de Marcelo Martins na mesma faixa; o molho bem temperado das bases, com o clássico violão de Durval ao centro. O maior destaque fica mesmo, é evidente, para as composições (*Batida diferente*, selo Guanabara).